5:Altenfelder Silva SP7 Bacairi

Volume XII Número 3

SOCIOLOGIA

NOV 28 1950
DEPT. OF LATIN

AGOSTO DE 1950

ISOLAMENTO E CONTACTO EM CRUZ DAS ALMAS . Donald Pierson 185
A ECONOMIA AÇUCAREIRA DO NORDESTE BRASILEIRO . . . . . Morris Bornstein 204
APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOCIOLÓGICOS ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS . . . Florestan Fernandes 228
IDÉIAS E PRÁTICAS SÔBRE O PARTO E A CRIANÇA EM MINAS GERAIS . . . . . João Dornas Filho 247
O ESTADO DE UANKI ENTRE OS BAKAIRÍ . . F. Altenfelder Silva 259
NOTICIÁRIO 272
RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS 273
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS 287

[title page]

Publicada pela
Escola de Sociologia e Política de São Paulo
São Paulo, Brasil

Secção Etnológica

DIRIGIDA POR HERBERT BALDUS, DR. PHIL

Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Museu Paulista

O ESTADO DE *UANKI* ENTRE OS BAKAIRI

F. ALTENFELDER SILVA

A fim de defender-se contra os numerosos perigos sobrenaturais que os rodeavam, os Bakairi lançavam mão de dois métodos: o xamanismo e o estado de *uanki*, ou seclusão ritual. É propósito dêste artigo examinar êstes dois métodos da cultura bakairi, à luz de informes por nós obtidos (1) e com auxílio da literatura existente a respeito. Contudo, embora os Bakairi tenham sido visitados de longa data por diversos etnólogos, e os seus costumes mencionados na literatura como testemunho de teorias etnológicas, muito pouco se sabe ainda sôbre a sua cultura como um todo. A maior parte dos relatos deixados pelos estudiosos não oferece uma visão global da cultura bakairi e se concentra de preferência em sua tecnologia. De outra parte, os Bakairi de hoje se acham bastante aculturados sendo difícil a obtenção de dados completos sôbre a antiga cultura. Pretendemos, não obstante, tentar contribuir aqui para o esclarecimento do problema.

Os Bakairi totalizam atualmente cêrca de 250 indivíduos, segundo as estimativas do Serviço de Proteção aos Índios,

(1) Os dados por nós apresentados foram obtidos em 1947, durante uma visita ao Pôsto Indígena Simões Lopes, do Serviço de Proteção aos Índios, promovida pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo em colaboração com o Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution. Salvo menção específica, em nota de rodapé, os dados mencionados foram obtidos dos índios de Simões Lopes.

5:Altenfelder Silva SP7 Bacairi

em 1947. Encontram-se êles aldeados em Mato Grosso, no Posto de Simões Lopes, do S.P.I., às margens do Rio Paranatinga, e em agrupamentos dispersos ao longo do Rio Novo, também naquele Estado. Os índios de Simões Lopes afirmam que outróra todos os Bakairí viviam aldeados junto ao Rio Paranatinga, deslocando-se, mais tarde, para o Norte, em virtude da pressão de grupos inimigos. (2) Posteriormente a tribo se dividiu em consequência de disputas internas; parte seguiu para as margens do Rio Culiseu, formador do Xingú, e outra parte distribuiu-se ao longo do Rio Novo. O que há de positivo nêsses relatos é algo que talvez sòmente a arqueologia poderá esclarecer. Entretanto as antigas aldeias dos Bakairí nas cabeceiras do Xingú já não mais existem. Os índios xinguanos muito sofreram com repetidos surtos de gripe e os últimos Bakairí que se encontravam naquela área foram trazidos para o Pôsto Simões Lopes, há poucos anos, pelos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios. Os Bakairí do Rio Novo, na sua quase totalidade, adotaram os costumes das populações brasileiras visinhas e vivem independentes do controle do S.P.I. Quanto aos índios de Simões Lopes, embora bastante aculturados, conservam êles ainda muitos traços de sua antiga cultura, todos falam ainda o bakairí, e alguns dêles ainda se recordam do tempo em que viveram nas aldeias xinguanas, constituindo bons informantes.

Quanto aos autores que se ocuparam dos Bakairí, destacamos, entre os melhores, Capistrano de Abreu e Karl von den Steinen. O primeiro deixou-nos valiosas informações sôbre a lingua bakairí e sôbre as crenças dêsses índios. A fraqueza única de seu material é que êle se baseia em um único informante. (3) Karl von den Steinen, de outra parte, consultou vários informantes, e, o que é mais importante a nosso ver, visitou pessoalmente as aldeias bakairí, (4) o que não fêz Capistrano. Tais documentos, examinados comparativamente, permitem-nos

(2) Para uma melhor discussão sôbre as possíveis origens dos Bakairí, ver o artigo de Max Schmidt, "Los Bakairí", *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. I, pp. 11-58, São Paulo, 1947.

(3) Capistrano de Abreu, "Os Bacaerys", *Revista Brasileira*, ano I, tomos 3 e 4, Rio de Janeiro, 1895.

(4) Karl von den Steinen, *Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886; *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894.

5:Altenfelder Silva SP7 Bacairi

fortalecer as conclusões a que pretendemos chegar sôbre as crenças e costumes bakairi.

Os Bakairí pertencem à família linguística Karaib. Suas antigas aldeias eram constituídas por grandes casas comunais, de forma elipsoidal, ao redor de uma praça. Em cada casa viviam de duas a cinco famílias. No centro da aldeia havia uma casa, *kadoeti*, destinada a guardar os ornamentos cerimoniais dos homens, e onde eram alojados os visitantes. A entrada do *kadoeti* era franqueada tanto aos homens quanto às mulheres e crianças. Anexa ao *kadoeti* havia uma pequena casa, com a entrada voltada para o sol nascente, e onde se guardavam as flautas, zunidores ou berra-bois, e demais objetos sagrados. A entrada a esta última casa era vedada às mulheres e crianças. Os Bakairí dormiam em rêdes, *amaka*, tecidas de fibras de palmeira. O mobiliário se resumia em bancos de madeira inteiriça, panelas de barro, esteiras e cestos. A dieta baseava-se em mandioca, piquí, batata doce, milho e peixe. Entretanto, a caça de macacos, porco do mato, anta e outros animais não era desprezada. A maior parte das reservas alimentares era, porém, de origem vegetal, e as colheitas mais importantes constituídas pela mandioca, milho, batata doce e piquí. Plantavam êles, ainda, o cará, o algodão, o urucú e o fumo.

Os moradores de uma casa comunal trabalhavam juntos na construção de uma nova casa, adquirindo com isso o direito de nela residirem. Tal construção era contudo promovida pelo indivíduo de maior prestígio dêsse grupo, provàvelmente o antigo chefe da casa, que assim se constituia em chefe da nova casa. Os trabalhos de limpeza dos campos e de plantio contavam geralmente com a participação de tôda a aldeia. Ao iniciar uma nova roça, o Bakairí promoveria uma festa, *kométe*, com distribuição de alimentos aos índios que trabalhavam no campo. Os Bakairí fabricavam canoas da casca do jatobá, à maneira xinguana. Tal construção, bem como as atividades de pesca, caça e agricultura, era acompanhada de rituais propiciatórios.

A troca dos produtos que obtinham era feita com os grupos vizinhos, mediante visitas denominadas *tuliki*, as quais contavam com a presença dos chefes de ambas as aldeias. Após a troca dos objetos desejados, os visitantes eram homenageados com uma festa denominada *tulake*.

Os Bakairí não eram um povo guerreiro e sua organização política não parece muito elaborada. Cada aldeia possuia um chefe, *pima*, assistido por um sub-chefe *itdida*. Não se recordam os Bakairí da existência de um chefe para tôda a tribo e não há indícios de que tal tenha ocorrido. A seleção do *itdida* era feita mediante o consenso da aldeia mas geralmente recaia sôbre o filho do próprio *pima*. As funções do *pima* eram principalmente cerimoniais, econômicas e judiciais.

No seu sistema de parentesco os Bakairí distinguiam os primos paralelos, (*paigo* e *koro* ou *iri* e *iia*, para homem ou mulher, respectivamente para *ego* masculino ou feminino) dos primos cruzados, (*pama* e *imiapi* ou *eisambi* e *ierudu*, para homem e mulher, respectivamente para *ego* masculino ou feminina). Os primeiros eram identificados com os irmãos e irmãs, respectivamente. O têrmo referente ao pai, *chogo*, era extensivo ao irmão do pai, e o têrmo referente à mãe, *seko*, extensivo à irmã da mãe. De outra parte o irmão da mãe, *kogo*, e a irmã do pai, *iupuri*, recebiam denominação especial. Havia têrmos especiais para *ego* masculino ou feminino, na geração de *ego* (como já vimos), e na primeira descendente. Assim os filhos de *ego* masculino e os do irmão de *ego* eram denominados *imeri*, sem distinção de sexo, ao passo que os filhos da irmã de *ego* eram denominados *tekau* e *uasi*, respectivamente para o menino e menina. Para *ego* feminino, seus filhos, bem como os filhos da irmã de *ego* eram denominados *imeri*, ao passo que os filhos do irmão de *ego* eram *uadoin* e *uasi*, respectivamente para o menino e menina. Na segunda geração ascendente, os avós eram distinguidos segundo o sexo, denominando-se *tako* e *nigo*, respectivamente para homem e mulher. Na segunda geração descendente um único têrmo, *iveri*, designava todos os indivíduos.

O casamento entre primos cruzados era comum mas não preferencial. De acôrdo com os informes que obtivemos, não parece ter havido entre os Bakairí regras especiais no tocante à residência nem tabús referentes ao sogro ou sogra, nem ainda metades ou clãs. Os casamentos eram geralmente monógamos embora as uniões polígamas fôssem admitidas. A julgar-se pelas tribos xinguanas, é provável que tais uniões polígamas assumissem a forma de sororato.

O ESTADO DE *UANKI* ENTRE OS BAKAIRI

O ciclo de vida dos Bakairi caracterizava-se por uma série de reclusões ou *uanki* (prisão), durante as quais os indivíduos se protegiam contra os numerosos perigos sobrenaturais que os rodeavam. A gravidez, *enokua*, era conhecida pela interrupção das menstruações. Quando o ventre da mulher grávida começava a atingir proporções visíveis, iniciava-se uma dieta alimentar à base de vegetais e carne de peixe. Com a aproximação da época do parto, construia-se uma separação no interior das casas; a parturiente era segregada e permanecia *uanki*. Os parentes femininos ajudavam o parto sob a direção de uma mulher de experiência. A parturiente dava à luz sentando-se sôbre os calcanhares. Em casos difíceis faziam-se escaldamentos ao redor do ventre e das costas, com infusão de folhas de algodão. O cordão umbilical era cortado pela própria parturiente ou pelo marido, e era enterrado juntamente com a placenta, fóra da casa. Após o nascimento, *eraseli*, a criança era lavada e entregue aos pais; mais tarde ser-lhe-ia dado o nome de algum parente já falecido. Durante o parto e algum tempo após, a criança e os pais permaneciam em estado de *uanki*. O fim da seclusão era indicado pela primeira menstruação da parturiente, e era marcado por uma festa denominada *tadaunúto*. A reintegração dos pais e da criança no seio da comunidade se fazia mediante a festa denominada *itabiénli*.

Quando os jovens atingiam a puberdade eram reclusos, *uanki*, por um período de alguns meses. Êles não podiam sair à luz do dia e eram alimentados e tratados pelos parentes. Acreditava-se que a maior ou menor duração do período de *uanki* dos jovens resultasse na sua melhor ou pior constituição física. De outra parte, o filho de um chefe deveria ficar recluso por mais tempo que o comum. O período de seclusão, para os meninos, iniciava-se com o ritual da perfuração das orelhas (feito, geralmente, em grupos de jovens). As meninas tinham as orelhas perfuradas logo ao nascerem, e o início da seclusão era marcado pelo advento da primeira menstruação. O término do estado de *uanki* era celebrado, também, com o *tadaunúto*. As meninas passavam então a usar *uluri*, ou seja, coberturas genitais de forma triangular, de cêrca de 3 cm², feitas de casca de árvore. Após a seclusão meninos e meninas eram elegíveis para o casa-

mento. O casamento, *todohokúinle*, era combinado pelos pais dos jovens mediante a troca de presentes e não parece ter merecido cerimonial especial.

A crença na possibilidade de uma morte natural parece ter sido ignorada pelos Bakairi. Após a morte, sempre provocada pela magia de algum inimigo, era o cadáver pintado e enfeitado com os adôrnos usados em vida. O corpo era enrolado na rêde usada pelo morto, e sepultado com a cabeça voltada para o oeste e os pés para leste. Seguia-se um período de luto, durante o qual os parentes mais próximos permaneciam *uanki* e do qual se libertavam mediante a festa do *tadaunúto*.

O mundo dos Bakairi era rodeado por sêres sobrenaturais, bons e máus, tais como *Iamũra*, *Topiche*, *Karoui*, *Kadopa* e *Kilaimo*. (5) As plantas e animais não passavam de roupagens de que se serviam *iamũra* e *kadopa*. As atividades de caça, pesca e lavoura deviam, pois, ser acompanhadas de propiciações destinadas a aplacar a colera dos *iamũra* despojados de seus animais e plantas. De outra parte, *karoui* e *kilaimo* vagavam pelo mato ameaçando os Bakairi. Contra tais sêres precisavam os índios da proteção de seus médicos-feiticeiros bem como de períodos de seclusão nos momentos mais perigosos.

Os Bakairi acreditavam que o homem possuia duas almas: uma denominada *kati* ou *kululu*, mais pesada e mais densa, correspondendo a uma camisa que é vestida pela segunda alma, *kagatopuri*, princípio mais flúido que sobrevivè à morte. (6) Durante o sono *kagatopuri* se destaca do corpo e vai passear em regiões distantes; ao regressar faz com que o indivíduo desperte. Despertar sùbitamente uma pessoa poderia provocar-lhe a morte pois *kagatopuri* não teria tempo de regressar ao corpo. Após a morte a alma fluida se separava definitivamente do corpo e se transformava em *kadopa*. Os *kadopa* eram almas errantes que assim permaneciam até sua transformação final em *iamũra*, o que ocorria nos domínios de *Nakoeri*, o herói-cultural. *Nakoeri* era um mixto de herói-cultural e deus criador dos Bakairi. Num

(5) Capistrano de Abreu, "Os Bacaerys", *Revista Brasileira*, ano I, tomo 4, pp. 44, 45, 47, 48, 234, 240, 241. Rio de Janeiro, 1895.

(6) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, pp. 43, 44.

5:Altenfelder Silva SP7 Bacairi

texto obtido por Capistrano de Abreu, *Nakoeri* faz primeiro todos os animais e, usando uma argamassa de barro, cria os Bakairi. (7) Em seguida constrói uma escada de algodão e sóbe ao céu.

Os *kadopa* e *iamũra* sentem fome e sêde e se alimentam como os demais índios. Para tanto usam o corpo dos animais. Quando os *kadopa* importunavam as aldeias, realizavam-se rituais em que se procurava atrair as almas errantes para em seguida assustá-las. Um relato bakairi assim se refere aos *kadopa*:

"...quando não entoas o canto de *kadopa* ela não vai para o céu. Por isso muitos dias dormidos põe mingáu em duas cúias pequenas; põe o mingáu no meio da sepultura; duas pessoas armadas de porretes entoam o canto, quebram-se as duas cúias e foge-se. Chegando de longe, benze dizendo *kukuku* (ora sús!). Quando se pára, benze-se... dizendo: Aufa! Vai para dentro do céu, para nossa gente, para nossa mãe, para nosso pai, aqui não tem ninguém, dentro do céu é bom, vai nos também vamos correr, se diz, ensina o piahi". (8)

Na aldeia de *Nakoeri*, *kadopa* se transforma em *iamũra*. Mas *iamũra* também vagueia pela terra usando o corpo dos animais. Embora sua ação não fôsse propositadamente maligna, os Bakairi precisavam tomar precauções quando caçavam, pescavam ou plantavam. Ao matar uma caça ou peixe, os índios deixavam certas oferendas para os *iamũra* representados por êsses animais. (9)

Através de certos rituais um Bakairi poderia, ainda em vida, entrar em contacto com os *iamũra*, adquirindo os poderes correspondentes, e transformando-se em médico-feiticeiro.

Capistrano de Abreu (10) e Karl von den Steinen (11) mencionam ainda outros sêres sobrenaturais que rodeavam os Ba-

(7) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, p. 47.

(8) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, p. 44.

(9) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, p. 49.

(10) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, pp. 235, 238, 248.

(11) Karl von den Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, São Paulo, 1940, trad., p. 448.

kairi: *Kilaimo*, *Karoui*, *Iuanagurore* e *Topiehe*. *Kilaimo* é um espírito errante que vagueia pelo mato, durante a noite. *Karoui* é inimigo dos médicos-feiticeiros; possui um machado com o formato de um sapo. *Iuanagurore* é o senhor da caça; possui um peito maior que o outro, contra o qual aperta e mata os índios que o ofendem. *Topiehe* é um pássaro cuja morte redundaria na morte inevitável do culpado. Havia ainda uma lagôa habitada por sêres sobrenaturais maléficos, e onde os animais adquiriam proporções gigantescas.

Capistrano de Abreu menciona a atribuição de poderes especializados a certos animais. Assim, o lagarto era o senhor do sono; a raposa, do fôgo; o urubú, do banco; o caramujo, do sol; o ouriço, do espinho; o martim-pescador, dos peixes; o veado, da mandioca. (12)

O médico-feiticeiro, *piaji* (*piahi* ou *piaje*) desempenhava funções de grande importância entre os Bakairi. Além das funções de curar doenças, cabiam-lhe tarefas tais como as de prever as incursões inimigas, localizar a caça, encontrar objetos perdidos e interceder junto aos sêres sobrenaturais quando necessário.

Para os Bakairi as doenças eram sempre causadas ou por médicos-feiticeiros inimigos ou a serviço de inimigos ou por espíritos tais como *iamũra*, *topiehe* ou *iuanagurore* e *karoui*. Ao ser chamado para curar um doente, o *piaji* solicitava o auxílio do seu *iamũra* protetor, com a ajuda de uma cabaça que agitaria acompanhando os cânticos de invocação. Ao examinar um doente o *piaji* decidiria qual a causa da doença, se provocada por um inimigo ou por um espírito. No segundo caso o *piaji* intercederia junto ao espírito ofendido, aplacando-o. No caso, porém, da doença ter sido causada por outro médico-feiticeiro, seria preciso descobrir, primeiramente, qual o veículo do mal. Este poderia ser um pedacinho de madeira carbonizada, um fiozinho de algodão ou um pedacinho de ôsso, lançado através do espaço e assim introduzido no corpo do doente. O médico-feiticeiro sugaria a parte ofendida retirando a causa do mal.

(12) Capistrano de Abreu, op. cit., tomo 4, p. 242.

S:Altenfelder Silva SPI Bacairi

Nossos informantes nada nos souberam dizer com referência às doenças causadas pelos *omeolo* (máus feiticeiros), mencionadas por Karl von den Steinen. Segundo o aludido autor, para fazer mal a um índio o médico-feiticeiro coseria dentro de um pote um lagarto, em cuja guela teria prèviamente introduzido a pele do dedo médio de um cadáver. A agonia e morte do lagarto era acompanhada simultaneamente da agonia e morte da vítima. (13) A nosso ver, tal técnica parece muito pouco indígena, sendo provàvelmente resultado da aculturação. Todavia, nossos informantes a ignoravam.

Para tornar-se médico-feiticeiro um jovem deveria ser treinado por um período que variava de seis a doze meses, submetendo-se a uma rigorosa abstinência sexual e dieta, baseada exclusivamente em vegetais. Durante todo o período de iniciação o candidato permanecia *uanki*, encerrado no *kudoeti*. Parte do treinamento, entretanto, se realizaria em lugares afastados, onde o noviço aprenderia as propriedades curativas de certas raízes, bem como os segrêdos relacionados com o mundo sobrenatural. O treinamento terminaria com a aquisição, por parte do candidato, de um espírito protetor, *iamâra*. Essa aquisição era feita durante um transe em que o candidato caía mediante a ingestão de narcóticos. O novo médico-feiticeiro deveria em seguida provar o seu poder, quer em atos menores tais como achar objetos perdidos, quer curando algum doente.

A propósito da iniciação Karl von den Steinen nos informa que o candidato deveria alimentar-se sòmente de caldo de amido, bater continuadamente contra a cabeça, ao mesmo tempo em que arranhava os braços e peito até correr sangue. (14) De outra parte, Capistrano de Abreu relata que o noviço deveria ingerir "drogas como o timbó, pindoba, vaimbé, e outros cipós" e aprender a língua de *karoui*. No dia da iniciação o candidato sairia a passeio com o seu mestre que lhe daria de beber a infusão. (15).

Os Bakairi possuíam um cerimonialismo bastante elaborado, conforme nos é possível depreender dos informes obtidos junto

(13) Karl von den Steinen, *op cit.*, p. 442.

(14) Karl von den Steinen, *op. cit.*, pp. 440-441.

(15) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, pp. 235-238.

aos índios de Simões Lopes. Danças e cantos eram executados não só quando havia abundância de alimentos ou quando as atividades econômicas o permitiam, mas especialmente em épocas tais como as da colheita do milho, ou na ocasião em que se furavam as orelhas dos meninos a serem reclusos, ou nas épocas de celebração do *tadaimúto* ou cessação do estado de *uanki*, construção de casas, início da limpeza do campo para o plantio, ou finalmente distribuição do algodão entre as mulheres. Nessas ocasiões os grupos vizinhos eram convidados e as festas prolongavam-se por dias. Os instrumentos musicais dos Bakairi consistiam em flautas de bambú e chocalhos para os pés, feitos de caroços de piquí. Lembravam-se os informantes de quatro tipos de flautas: a *enimí* e *kanagera*, flautas sagradas conservadas longe das vistas das mulheres e crianças, e as *tadãua* e *nakígero*, usadas nas festas profanas. Possuiam ainda os Bakairi cabaças cheias de sementes ou pedras, denominadas *pako*, e bastões de madeira, ornamentados com desenhos geométricos. Esses bastões ainda são usados nas danças bakairi em Simões Lopes.

Recordavam-se nossos informantes das seguintes danças e cantos: o *orikó*, dança executada com auxílio dos bastões enfeitados, e sem época fixa; o *iauaisári*, canto do milho; o *mahulauari*, executada por ocasião da construção de uma nova casa; a *pahoevató*, executada por ocasião da cerimônia da perfuração das orelhas dos meninos, e a festa do milho ou *anjéintabiénli*.

Nas danças sagradas, vedadas às mulheres, usavam-se máscaras representando diferentes animais. Ao que acreditamos, essas máscaras não representavam pròpriamente os animais mas sim os *iamúra*, senhores desses animais. Isso justificaria o fato de serem as representações tão afastadas da realidade, mesmo para a arte indígena.

Os mitos bakairi relatados por Karl von den Steinen e Capistrano de Abreu mencionam *Tchini* (ou *Keri*, sol), *Numa* (ou *Kame*, lua), (16) e *Nakoeri*. (17) *Tchina* e *Numa* ou *Keri* e *Kame*, sol e lua, são heróis-gêmeos criadores dos Bakairi. A mesma tarefa de

(16) Karl von den Steinen, *op. cit.*, pp. 447-492.

(17) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, tomo 4, pp. 45-50, 235-240.

5:Altenfelder Silva SP7 Bacairi

criar os Bakairi é atribuida a *Nakoeri*. A não existência de metades entre os Bakairi leva-nos a considerar o mito dos heróis-gêmeos como tomado de empréstimo pelos Bakairi, desde que não parece haver em sua organização social uma correspondência justificadora. Os índios do Paranatinga relataram-nos o seguinte mito:

> *Iamadili* ou a origem do dia.
>
> No começo o mundo era tão escuro e frio que os índios tinham de cobrir o corpo com gordura para mantê-lo quente. Os índios queriam que o sol saisse, e então êles vestiram seus enfeites, pintaram os corpos e começaram a pedir para *Orimoto*, o grande espírito. *Orimoto* não era índio mas um homem que vivia numa casa de pedra com alguns animais que êle havia criado. Os índios continuaram pedindo até que finalmente a luz surgiu; mas os índios já se tinham tornado velhos e as crianças já haviam crescido.

Os dados de que dispomos não nos permitem ordenar na cosmologia bakairi sêres tais como *Tchini-numa*, *Keri-kamé*, ou *Orimoto* e *Nakoeri*. Preferimos, contudo, considerar *Nakoeri* como o sêr supremo dos Bakairi, deixando a *Tchini-numa*, *Keri-kame* (sol e lua) e *Orimoto* os papéis de heróis-culturais, até que novos trabalhos venham esclarecer suas devidas funções.

Obrigados a enfrentar um ambiente hostil, como o das savanas e matas das cabeceiras do Xingú, e desprovidos de uma tecnologia apropriada, os Bakairi, como os demais índios xinguanos, dependiam grandemente de circunstâncias aleatórias tais como a quantidade de chuva e consequente enchente anual, redundantes em escassez ou abundância de alimentos. Sem uma tecnologia adequada, não acumulavam o que produziam, vivendo numa economia de subsistência. Suas atividades de caça e pesca eram seguidas de rituais mágicos com os quais procuravam controlar a possibilidade dos fracassos futuros ou mesmo de doenças. Assim também as atividades agrícolas e as de construção de casas ou canoas precisavam ser seguidas de propiciações. Para usar a matéria prima vegetal ou animal era preciso saber controlar os elementos incertos: Como explicar, por exemplo, que uma canoa rachasse e outra não, quando ambas foram feitas pelo mesmo artífice? Como explicar que os mesmos

alimentos ora se mostrassem inócuos ora provocassem doenças? O sistema de crenças dos Bakairi parece-nos uma interpretação que satisfazia, de maneira eficaz, as exigências da cultura. Viviam os Bakairi num mundo dominado por *iamũra* e outros sêres sobrenaturais. Os animais e plantas nada mais eram que roupagens de que se serviam êsses sêres sobrenaturais. O próprio Bakairi era um sêr dual: um espírito *kugutopũri*, usando uma roupagem, o corpo físico, animado por outro espírito, mais denso, *kuti*. Após a morte *kugutopũri* passava pelos estágios de *kudopa*, espírito errante, e finalmente *iamũra*. Por isso os Bakairi não se mostravam amedrontados com os seus mortos; os corpos não passavam de vestimentas mas os *kudopa*, êstes sim, é que eram perigosos.

Para defender-se contra os inúmeros perigos representados pela constelação de sêres sobrenaturais, tais como *iamũra*, *kudopa*, *topieḫe*, *karoni*, *iwanoguroro* e *kilaimo*, os Bakairi lançavam mão de dois meios. O primeiro era o da seclusão, *uanki*, nos momentos mais difíceis tais como nascimento, puberdade, morte e iniciação xamanística. Ao *uanki* seguia-se a reintegração do indivíduo, mediante a festa do *kadaunũto*. O outro meio era o xamanismo. Era o xamanismo aberto a todos e deveria mesmo constituir um estágio normal na evolução de vida dos Bakairi. Poucos porém conseguiam tornar-se médicos-feiticeiros, pois as provas a que deveriam submeter-se não eram fáceis. O contacto com o sobrenatural era feito pelos médicos-feiticeiros mediante o uso do tabaco ou outros narcóticos. Em seus transes os médicos-feiticeiros passavam a controlar os *iamũra* e os poderes peculiares a êsses sêres sobrenaturais.

Finalmente, a vida *post-mortem* dos Bakairi, na grande aldeia de Nakoeri, reflete, como era de esperar-se, a organização de sues aldeias. Transformados em *iamũra* os Bakairi reunem-se aos seus antepassados e velhos amigos; os prazeres de comer e beber não lhes são negados pois êles também sentem fome e sêde, mas êles são agora invulneráveis aos perigos da floresta. Podem êles usar os animais e as plantas, ao seu bel prazer, como envoltórios para seus passeios no ar, nos rios ou na terra.

BIBLIOGRAFIA

Capistrano de Abreu, "Os Bakaery", *Revista Brasileira*, ano I, tomos 3 e 4. Rio de Janeiro, 1895.

Kalervo Oberg, "The Bacairi of Northern Matto Grosso", *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 4, n.º 3, 1948.

Karl von den Steinen, *Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886.

— *O Brasil Central*, trad., São Paulo, 1942.

— *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894.

— *Entre os Aborigenes do Brasil Central*, trad., São Paulo, 1940.

— *Die Bakairi Sprache*, Leipzig, 1892.

Max Schmidt, *Indianerstudien in Zentral-Brasilien*, Berlin, 1905.

— "Los Bakairi, los Kayapó de Matto Grosso, los Waurá y los Tamainde-Nambikuara", *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. I, São Paulo, 1947.

ABSTRACT

Certain aspects of the culture of the Bakairi Indians of Mato Grosso are briefly described: their technology, kinship terminology, pantheon, cerimonies, shamanism, treatment of illness, and the series of ritualistic seclusions, or *wanki*, that occur at stated intervals during the life cycle: at birth, at puberty, at death and upon becoming a shaman. Ritualistic seclusion, or *wanki*, is one of the two means employed as defenses against harm of supernatural origin, the other means being shamanism.